

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: ANÁLISE DO PAPEL DAS MÍDIAS SOCIAIS NA EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL NO ENSINO BÁSICO

EDUCATION IN TIMES OF CRISIS: AN ANALYSIS OF THE ROLE OF SOCIAL MEDIA IN THE EXPERIENCE OF EMERGENCY REMOTE EDUCATION IN BASIC SCHOOLING

EDUCACIÓN EN TIEMPOS DE CRISIS: ANÁLISIS DEL ROL DE LAS MEDIOS SOCIALES EN LA EXPERIENCIA DE LA EDUCACIÓN REMOTA DE EMERGENCIA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

Adinelson Machado Silva¹

Márcio Valerio de Oliveira Favacho²

RESUMO

O avanço da internet aliado a constante evolução da Indústria de produtos de ponta, permitiu a implementação de novos meios de interações sociais em rede, chamadas de redes digitais. E, a pandemia da Covid-19 intensificou o uso das mesmas, nesse período se fez necessário a educação remota emergencial, utilizando essas mídias sociais como ferramentas educacionais. O objetivo deste trabalho foi analisar a viabilidade de uso das mídias sociais, em especial as redes sociais digitais, no processo ensino-aprendizagem do ensino básico. Assim, esta pesquisa configurasse como um estudo de caso institucional, aonde objeto de análise foram as experiências de alunos do ensino médio integrado do IFPA, campus Abaetetuba. Entre os resultados, conseguiu-se verificar que o público alvo apresenta um alto nível de acesso à internet, aos equipamentos tecnológicos digitais e às redes virtuais. E a educação online com suporte das mídias sociais, se tornou uma solução mais célere e abrangente, contribuindo para diminuir os prejuízos educacionais da paralização das aulas presenciais. Contudo, principalmente as deficiências na democratização do acesso aos meios digitais, foi o que comprometeu a qualidade e a validação da educação remota emergencial. Assim, as instituições escolares e o sistema educacional, devem aproveitar a experiência das conquistas e falhas do uso das mídias sociais na educação para melhor implementar e desenvolver as potencialidades da educação básica online ou híbrida.

Palavras-chave: redes sociais digitais; mídias sociais; educação remota emergencial; educação básica.

ABSTRACT:

¹ Mestrando em Cidades, Territórios e Identidades pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Pós Graduado *lato sensu* em TIC's Aplicados a Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6736-4229>, adinelsonmsilva@gmail.com

² Mestre em Cidades, Territórios e Identidades pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2603-946X>, marcio.favacho@ifpa.edu.br



The advancement of the internet, coupled with the constant evolution of the high-end product industry, has allowed for the implementation of new forms of networked social interactions, known as digital networks. The COVID-19 pandemic intensified their use, and during this period, emergency remote education became necessary, utilizing these social media platforms as educational tools. The objective of this study was to analyze the viability of using social media, especially digital social networks, in the teaching-learning process of basic education. Therefore, this research is configured as an institutional case study, where the object of analysis was the experiences of integrated high school students at IFPA, Abaetetuba campus. Among the results, it was verified that the target audience has a high level of access to the internet, digital technological equipment, and virtual networks. Online education, with the support of social media, became a faster and more comprehensive solution, helping to reduce the educational losses from the suspension of in-person classes. However, it was mainly the deficiencies in the democratization of access to digital tools that compromised the quality and validation of emergency remote education. Thus, educational institutions and the educational system should leverage the experience from the successes and failures of using social media in education to better implement and develop the potential of online or hybrid basic education.

Keywords: digital social networks; social media; emergency remote education; basic education.

RESUMEN

El avance de internet, junto con la constante evolución de la industria de productos de vanguardia, ha permitido la implementación de nuevos medios de interacciones sociales en red, llamadas redes digitales. La pandemia de la Covid-19 intensificó el uso de estas, y durante este período se hizo necesaria la educación remota de emergencia, utilizando estos medios sociales como herramientas educativas. El objetivo de este trabajo fue analizar la viabilidad del uso de los medios sociales, en especial las redes sociales digitales, en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la educación básica. Por lo tanto, esta investigación se configura como un estudio de caso institucional, donde el objeto de análisis fueron las experiencias de estudiantes de secundaria integrada del IFPA, campus Abaetetuba. Entre los resultados, se logró verificar que el público objetivo presenta un alto nivel de acceso a internet, a los equipos tecnológicos digitales y a las redes virtuales. La educación en línea, con el apoyo de los medios sociales, se convirtió en una solución más rápida y completa, contribuyendo a disminuir los perjuicios educativos causados por la paralización de las clases presenciales. Sin embargo, las deficiencias en la democratización del acceso a los medios digitales fueron lo que más comprometió la calidad y validación de la educación remota de emergencia. Así, las instituciones escolares y el sistema educativo deben aprovechar la experiencia de los logros y fallos del uso de los medios sociales en la educación para implementar y desarrollar mejor las potencialidades de la educación básica en línea o híbrida.

Palabras clave: redes sociales digitales; medios sociales; educación remota de emergencia; educación básica.

INTRODUÇÃO

A internet ultrapassou o meio em que se concretizou, o computador desktop, e agora está presente em aparelhos diversos, como: televisores, geladeiras, carros e, claro, celulares, tablets, notebooks, etc. (Hirayama, 2014). Assim, o avanço da internet, aliado à constante evolução da indústria de produtos de ponta, permitiu o desenvolvimento de



mídias sociais que criaram uma rede mundial, por onde as informações em diversos formatos - textos, imagens e vídeos - são compartilhadas em tempo real, um avanço tecnológico sem precedentes e em ritmo acelerado.

Essas novas tecnologias possibilitaram a criação de meios de comunicação interativos, atenuando as limitações físicas das relações sociais e conectando pessoas sem restrição de tempo ou espaço geográfico, o que torna a comunicação mais flexível (Vermelho et al., 2014). Assim, as mídias da internet revolucionaram a forma como as interações humanas são mantidas, gerando uma transformação social que facilita a comunicação bilateral e o engajamento entre pessoas, empresas e instituições.

As mídias sociais implementaram meios de interações interpessoais, construídos a partir de um "mundo virtual", não existente fisicamente, mas suficientemente capaz de alterar as formas de comunicação, informação e relacionamento em rede, as chamadas: redes sociais digitais, redes digitais ou redes virtuais.

Dessa forma, conforme Escobar (2005), a internet contribui para a pluralização da produção de dados, permitindo a descentralização dos meios de produção da informação. Ao possibilitar que indivíduos e grupos diversos emitam suas próprias mensagens sem a necessidade de intermediários, a internet evita a descaracterização da mensagem original. A autora entende que, do ponto de vista da emissão, a internet facilita a democratização da informação mais do que as mídias tradicionais, pois é tecnicamente menos complexa e economicamente mais viável para que uma pessoa se faça presente nas mídias. Dessa forma, a plataforma digital, ao fornecer meios técnicos de participação nas discussões e de difusão de opiniões, contribui para a educação cívica e para o exercício da cidadania ativa.

Assim, hoje, a sociedade em geral se beneficia de uma democratização da informação por meio das mídias sociais. Elas possibilitam novas vozes, onde grupos que antes eram marginalizados ou negligenciados podem compartilhar suas perspectivas, histórias e lutas, participando ativamente do debate público. Isso ocorre em velocidade vertiginosa e em nível mundial, colaborando para globalizar comunidades e grupos sociais. Dessa forma, as redes sociais digitais têm dado uma relevante contribuição na disseminação da informação e comunicação, descentralizando a produção da informação e, cada vez mais, substituindo hábitos e criando novas rotinas.

A partir do final de 2019, o mundo vivenciou algo inesperado com a pandemia³ da Covid-19, uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. A necessidade do isolamento social, para conter a contaminação pelo novo coronavírus, intensificou o uso das redes digitais, dada suas facilidades de comunicação e acessibilidade. Assim, até onde foi possível, tirou-se proveito dessas Tecnologias Digitais (TD), a fim de que as relações sociais pudessem ser mantidas.

O fechamento das escolas, sem previsão de retorno, tornou necessária a criação de uma solução alternativa de ensino. Nesse momento, buscou-se implementar a educação remota emergencial, apropriando-se de princípios e iniciativas da Educação a Distância (EaD), no tocante ao uso TD na educação, no entanto, sem a mesma organização estrutural e processual (Arruda, 2020).

Conforme o mesmo autor, na educação remota emergencial, as aulas poderiam ocorrer de diversas maneiras, desde a transmissão online ao vivo até a gravação de atividades para posterior visualização, passando pela estruturação de materiais e pela transmissão de conteúdos por TV, rádio ou canal digital estatal.

Nesse sentido, foram adotadas mídias sociais diversas, com destaque para as redes digitais, tão características da "sociedade da informação" e presentes na geração dos "nativos digitais", da qual a maioria dos alunos da educação básica faz parte. Devido à sua praticidade e acessibilidade, buscou-se, assim, auxiliar o processo de ensino-aprendizagem e a interação entre aluno/a-professor/a. Atualmente, tal experiência permite repensar um novo ambiente para as redes virtuais e outras mídias sociais no processo de ensino-aprendizagem.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), campus Abaetetuba, também retomou as aulas com a educação remota emergencial. Durante o segundo semestre de 2020 e o primeiro de 2021, o *campus* implementou mídias sociais para o desenvolvimento dessa modalidade de ensino remoto/híbrido no ensino básico.

É nessa perspectiva que se questiona como a utilização de mídias sociais, em especial as do tipo redes digitais, influenciou a educação presencial de alunos do ensino médio integrado, durante e após a pandemia da Covid-19, nesse campus do IFPA.

Foi elaborada a hipótese de que, após a experiência de aulas remotas e de vivenciar os potenciais educativos das redes virtuais e de outras mídias sociais não

³ O termo “pandemia” é referente à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. O termo reconhece que, no momento, existem surtos da doença em vários países e regiões do mundo (OPAS, 202X).



educacionais, alunos e professores passaram a utilizar essas tecnologias digitais para melhor desenvolver a educação escolar. Para isso, as adaptaram, buscando uma colaboração mais interativa e colaborativa no processo de ensino-aprendizagem, a fim de habituar os alunos a utilizarem as mídias sociais de forma positiva na educação.

Diante desse cenário, o objetivo central deste trabalho é analisar a viabilidade de uso das mídias sociais, em especial as redes sociais digitais, no processo ensino-aprendizagem do ensino básico, entre alunos do ensino médio integrado do IFPA, *campus* Abaetetuba. Para essa finalidade, o trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, faz-se uma breve apresentação, seguida da natureza da pesquisa e da análise de conceitos e categorias para reforçar o entendimento do tema. Em um segundo momento, serão apresentados os resultados e as possibilidades de ensino-aprendizagem utilizando as referidas ferramentas digitais.

2. MATERIAIS E MÉTODO

Este artigo resulta de uma investigação de abordagem quanti qualitativa, com objetivos do tipo descritivo explicativo, visando entender os motivos e funcionamento dos fenômenos atrelados a descrição do objeto (Gerhardt; Silveira, 2009).

Foi adotado os procedimentos de pesquisa do estudo de caso institucional (Carneiro, 2018), no qual a coleta dos dados se deu por meio da aplicação de questionário misto no mês de dezembro de 2022. Para tanto, foi distribuído questionário impresso e eletrônico, com questões objetivas e subjetivas, somente aos alunos do segundo e terceiro ano do ensino médio integrado do IFPA, *campus* Abaetetuba, esse público justifica-se por esses alunos terem vivenciaram o processo da educação remota emergencial no referido instituto durante a pandemia da Covid-19.

Responderam ao questionário 38 alunos, com idade entre 16 a 19 anos, matriculados nos cursos de Meio Ambiente, Informática, e, Manutenção e Suporte em Informática (MSI). Foi verificado, se os entrevistados detinham aparelhos eletrônicos e quais tipos, qual a frequência do uso da internet e locais onde possuíam acesso, quais redes sociais digitais usadas e objetivo desse uso, o uso das redes sociais pelos professores no contexto educacional, as perspectivas a respeito da relação da educação remota emergencial na pandemia da covid-19 e o uso das mídias sociais.

Foi utilizado codinomes dados pelos próprios participantes a fim de manter o sigilo da identificação real dos entrevistados. Quanto aos dados, os quantitativos foram demonstrados por meio de gráficos de pizza e barras. E quanto aos dados subjetivos,

para sua síntese, após várias leituras, extraiu-se das respostas dos entrevistados e entrevistadas os núcleos de significados, que são as ideias principais. Em seguida, agrupou-se os núcleos das respostas por similaridade, conforme as ideias principais, assim, gerando categorias de respostas. Importa destacar que os critérios metodológicos visaram não somente extrair dados, mas garantir a compreensão das perspectivas dos alunos a respeito do uso das redes digitais para a educação remota emergencial no ensino básico, durante a pandemia da covid-19.

2. ALÉM DO SENSO COMUM: A RELAÇÃO ENTRE REDES SOCIAIS, MÍDIAS SOCIAIS E REDES SOCIAIS DIGITAIS

É corriqueiro confundir os termos "redes sociais" com "mídias sociais", mas, conforme Ciribeli e Paiva (2011, p. 59), “apesar de estarem no mesmo universo, são coisas distintas”. Com a popularidade das interações sociais na internet, acabou-se criando uma confusão ou convergência entre esses termos. Por isso, é válido estabelecer a diferença entre tais conceitos e correlacionar com o significado de redes sociais digitais, para melhor distinguir o enfoque desta pesquisa.

Dessa forma, pode-se simplificar que as redes sociais dizem respeito a todo relacionamento social estimulado em rede, onde pessoas compartilham ideias, experiências e conhecimentos, assim, toda a estrutura social é definida em termos de rede, como o mercado, o trabalho, a sociedade, o livro, e a biblioteca (Carpes, 2011). Logo, as redes sociais vêm a ser “a manifestação do meio comunicacional e informacional constituída pela interação social” (2011, p. 206).

Assim, há muito tempo que nossa sociedade é organizada em grupos com características próprias, formando comunidades, desenvolvendo redes sociais em todas as culturas e tempos, sendo estabelecidas pelas pessoas no convívio em ambientes comuns (Silva; Serafim, 2016).

Desse modo, pode-se entender que redes sociais correspondem às interações sociais entre duas ou mais pessoas, interações que criam pontos de encontros e cruzamentos, ou nós de informações, com comunicações e vivências em comunidade, gerando conexões interativas de convívio interpessoal, elementares para o desenvolvimento do sujeito social e humano. Assim, vivemos em rede o tempo todo.

Por sua vez, conforme, Laurentiz (2013) as mídias dizem respeito aos meios de difusão de informação em massa, elas conformam tanto as tradicionais, como imprensa, televisão, rádio, etc. Contudo,

Pode designar tanto as linguagens relacionadas a estes meios quanto aos veículos de comunicação em si que sustentam suas respectivas linguagens [...]. Além disso, se recuperarmos o sentido amplo de ‘medium’, teremos que: é um estado de mediação, intermediário, de intervenção através da qual uma força age ou um efeito é produzido, uma ação mediada (p. 309).

As mídias, por transmitirem informações à grande massa, podem ser entendidas “como uma forma de cultura simbólica estruturada em contextos sociais específicos, notabilizando-se como uma forma de transmissão cultural” (Ribeiro, 2017, p. 220). E, de acordo com Aranha (1996), os meios de comunicação em massa, ou ‘*mass media*’, considerando aqui os exemplos tradicionais: o cinema, rádio, televisão, vídeo, imprensa e revista, possuem grande influência sobre as pessoas ao ponto de serem fomentadoras de um tipo específico de cultura, designada de “cultura de massa”. A autora explica que as mídias tradicionais, após a Revolução Industrial, puderam criar essa cultura baseada na difusão das informações de forma massiva à população em geral. Ela impõe padrões e homogeneíza o gosto por meio do poder da difusão de seus produtos e pode apresentar um perigo, pois é produzida de “cima para baixo” por grupos específicos de pessoas que dominam esse meio de produção de informação e detêm o poder de manipular a opinião pública nos assuntos de seu interesse.

Em contrapartida, mais recentemente, com o advento da internet, surgiram e ganharam espaço as propriamente ditas mídias sociais, outro tipo de meio de comunicação em massa, mas essa caracterizada pelo uso da internet. Silvia Laurentiz (2013) explica que, de alguma forma, essas mídias *online* tornam obsoleta a visão original de mídia, que tratava dos meios que irradiavam informação massiva a partir de um único polo transmissor, e indicavam um fluxo da informação que ocorria substancialmente de modo unilateral. Assim, as mídias sociais da internet possibilitam mais acessibilidade na produção da informação com bilateralidade na comunicação.

Desse modo, Comm (2009), citado em Formentin e Lemos (2011), define mídias sociais como o conteúdo digital criado pelo seu público. E mesmo em meio às vagas e diversas definições do termo, destacamos o estudo de Telles (2010), que esclarece que mídias sociais são *sites* na internet construídos para possibilitar a criação colaborativa de conteúdo, fomentar a interação social e o compartilhamento de informações em

diversas formas. Ciribeli e Paiva (2011, p. 59) enfatizam a “mídia social como o meio que determinada rede social utiliza para se comunicar”.

Nesse sentido, as mídias sociais correspondem aos ambientes ou *sites* na *web* para propagação em massa de informações em texto, imagens, vídeos ou áudios, categorizadas conforme seus propósitos específicos e funcionalidades. E, mesmo entendendo que sua categorização não é universal (Goulart, 2014), contudo, ao considerar suas utilizações quanto à produção de conteúdo *online* e relacionamentos virtuais, podemos categorizar as mídias sociais em: *wikis*, *podcasts*, fóruns de debates, *blogs*, *microblogs*, redes sociais digitais e comunidades de conteúdo/*sites* de multimídia.

Por sua vez, a categoria “redes sociais digitais” ou “redes virtuais” é comumente denominada de apenas “redes sociais”, porém, entende-se que essa nomenclatura não se aplica somente ao tipo de redes sociais digitais, visto que “redes sociais” é um termo mais genérico. Dessa forma, conforme Telles (2010), as redes sociais digitais são *sites* de relacionamento ou redes sociais da internet, cujo foco é reunir pessoas que se tornarão membros e, uma vez inscritos, podem expor seu perfil com fotos pessoais, textos, mensagens e vídeos, além de manter interação com outros membros em listas de amigos e comunidades.

Assim, as redes sociais digitais são mecanismos digitais que possibilitam o relacionamento interpessoal no mundo virtual, onde o compartilhamento de informações em rede e a comunicação bilateral desenvolvem interatividade entre os usuários. Isso é possível, conforme Goulart (2014), devido ao avanço das tecnologias de comunicação digital e dos produtos tecnológicos cada vez mais sofisticados, que criam meios para desenvolver as redes sociais no mundo virtual da internet.

Desse modo, as redes sociais digitais se tornam mais uma das categorias de mídias sociais, sendo elas as mídias que difundem conteúdos e fomentam a interatividade e a conexão entre as pessoas, com a comunicação assíncrona⁴ e síncrona⁵.

3. DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA SOCIEDADE DIGITAL

⁴ Comunicação assíncrona, é a comunicação que não precisa de resposta imediata, ou seja, possui respostas intermitentes.

⁵ Comunicação síncrona que ocorre em tempo real entre duas pessoas (bilateral), ou mais de duas pessoas (multilateral).

O presente século tem sido marcado pela criação das novas tecnologias de informação e comunicação, de tal forma que os sociólogos têm falado em sociedade em rede (Castell, 1996), sociedade da informação ou sociedade do conhecimento (Carpes, 2011). Na sociedade da informação, as conexões sociais digitais têm transformado os relacionamentos, os quais estão sendo estabelecidos em escalas de conexões globais, por meio das mídias sociais.

Karl Mannheim, criador da obra Século XX da Teoria das Gerações, aponta oito gerações em seus estudos, entre elas a geração X, Y e a Z. A denominada geração Z, da qual fazem parte o público-alvo desta pesquisa, corresponde aos nascidos a partir do fim de 1992. Diferem da geração X⁶ e da geração Y⁷, por serem pessoas que sempre estão conectadas e, por isso são denominados de ‘nativos digitais’. A plataforma de ensino BEI Educação (2022), ainda apresenta a geração Alfa, que são os nascidos a partir de 2010, portanto, após a consolidação e popularização das diversas mídias sociais, notoriamente as redes digitais.

Com efeito, para a Geração Z, as facilidades tecnológicas sempre existiram, já que nasceram imersos ao grande avanço tecnológico digital, possuindo o fácil acesso à informação e excesso de conexão virtual. Assim, em uma sociedade marcada pela informação em tempo real e de relacionamentos sociais facilitados, torna-se imprescindível traçar soluções para as necessidades educacionais dessas gerações imersas em meio ao avanço digital.

Essa sociedade vive tempos de transformação de conceitos, valores e culturas, e cobra novas formas de comunicação e obtenção de conhecimento; está repleta de tecnologias que geram múltiplos benefícios, e, quando utilizadas na educação, contribuem com novas metodologias de ensino-aprendizagem (Lima, 2021).

Assim, torna-se importante considerar que a aprendizagem é mais significativa à medida que se incorpora às estruturas de conhecimento do aluno (Pelizzari et al. 2001) e que, apesar de ainda ser predominante nos dicionários e no senso comum, a imagem de que o virtual é aquilo que não é verdadeiro (Marques et al, 2021) - pois a definição de “virtual” nos dicionários aponta para algo “não real” ou “sem consequência real” (Dicionário Aurélio), ou seja, “existem apenas em potência ou como faculdade, sem

⁶ Geração X é de pessoas que nasceram nos anos 1960, marcada na maioria por indivíduos que optaram por trabalhar muito, visando aproveitar a vida após a aposentadoria (LEAL, 2018, p. 37).

⁷ Geração Y é os nascidos nos finais dos anos 1970, caracterizada por aqueles que viveram em uma época de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica (LEAL, 2018, p. 37).

efeito real” (Dicionário Oxford Languages) - contudo, as mídias sociais têm sido incorporadas ao cotidiano dos indivíduos e têm trazido consequências legítimas no modo de vida, principalmente, das novas gerações.

Em estudos realizados com alunos da Geração Z, envolvidos com as tecnologias, Andrade *et al.* (2020) afirmam que esses estudantes não aprendem tal como seus professores das Gerações X e Y aprenderam. E, se aprendem de algum modo, é ao custo do pouco envolvimento e pouca satisfação no processo ensino-aprendizagem.

As técnicas de ensino têm sido questionadas e os métodos estritamente tradicionais de transmissão de informações pelos educadores não são tão viáveis, a depender da geração que os recebe. Com o auxílio da *internet* o aluno tem acesso à inúmeras informações, podendo aprender em qualquer lugar, a qualquer hora, e tornar-se autônomo em sua própria aprendizagem. Todavia, a partir dessa afirmação, é importante frisar que somente informação e *internet* não se configuram como alavanca para um aprendizado significativo, porém, tendo esses recursos de forma mais acessível e mediados pelo professor, é possível que se tenha facilitação no processo de aprendizagem através do ferramental que as tecnologias digitais oferecem (Andrade *et al.*, 2020, p. 02).

Os recursos tecnológicos ganham notoriedade no desenvolvimento de habilidades e competências nos educandos, e os professores são constantemente desafiados a inovar (Silva, 2021). Assim, utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) de forma responsável no ensino requer qualificação e uma ressignificação das metodologias educacionais, bem como um aprimoramento no planejamento de ensino, o que pode ser desafiador ao professor (Lima, 2021).

Desse modo, mesmo tendo os alunos, hoje, a imensa facilidade de acesso às informações e a conteúdos, contudo, ainda é percebido o importante papel do professor na intermediação da construção educacional, pois “a nova demanda de alunos está cercada de distrações convidativas” (Andrade *et al.*, 2020, p. 04), e informações desconexas alocadas na *web* não são suficientes para gerar conhecimentos, competências e habilidades no indivíduo em desenvolvimento. Neste sentido, “[...] o professor não deve sair de cena, mas ocupar um lugar que permita que o aluno tenha espaço” (Andrade *et al.*, 2020, p. 06).

O professor, como moderador, necessita desenvolver metodologias e adotar ferramentas educativas/educacionais que considerem o contexto da realidade cotidiana do aluno como fontes de conteúdo e interatividade. Em consonância com Silva (2010), ao se usar as redes digitais no contexto educacional, surgem possibilidades de criar na escola ambientes para aprendizagem criativa, com colaboração dos alunos em um

processo ativo de ensino-aprendizagem que fortalece a autonomia dos estudantes, com respeito à diversidade de opinião e propiciando educação de qualidade.

As redes digitais são ambientes com características particulares que apontam para a educação digital não formal e que se aproximam de uma ‘pedagogia conectiva’, com livre acesso a conhecimentos compartilhados em rede, possibilitando aprendizagens ubíquas no espaço digital (Moreira *et al.*, 2019).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que a educação possa ser estabelecida por meio das redes virtuais, é necessário que o aluno tenha posse de pelo menos um dos equipamentos tecnológicos digitais. Hoje existem inúmeros; os mais comuns são o computador, que pode ser classificado em *desktops*, *all-in-one*, *notebooks*, *netbooks* e *tablet PC*. Também se tem o *smartphone*, que é um telefone móvel com acesso à internet por *wi-fi* e dados móveis, e possui sistema operacional com funções limitadas de computador. Conforme Santos e Santos (2014), as redes sociais digitais são um meio de possibilidades, que consistem na inter-relação entre pessoas e grupos sociais, mas também entre dispositivos.

Assim, mostrou-se importante verificar, entre o público-alvo, o acesso aos dispositivos digitais. Foi constatado que não há aluno que não tenha pelo menos um aparelho eletrônico de comunicação digital; todos informaram que possuem pelo menos o *smartphone*, ou computador, ou *tablet*. Dessa realidade, 37% possui somente smartphone, 52% possui computador e smartphone, 5% possui smartphone, computador e tablet, 3% possui somente computador e 3% possui somente tablet (ver gráfico 01). Desse modo, interpreta-se entre esses produtos os quais mais estão sendo utilizados pelos alunos, na respectiva ordem são: 94% dos entrevistados possuem smartphone, 60% possuem computador e 8% possuem tablet.

Para Pontes e Patrão (2014, p. 91), a fim de alcançar o desenvolvimento da sociedade contemporânea, caracterizada pela democratização da informação e do conhecimento, constituem-se como condições substanciais o acesso dos cidadãos aos novos meios de tecnologia de informação e comunicação, pois a internet é um mundo cheio de possibilidades “com vários ambientes e contextos únicos” (2014, p. 91).

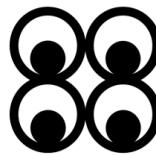
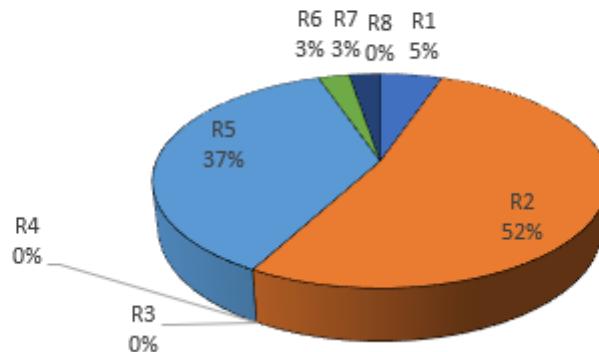


GRÁFICO 01: Posse de aparelhos eletrônicos pelo público-alvo.

Você possui aparelho eletrônico de acesso a internet como smartphone, tablet e/ou computador?
Obs.: Para efeito de resposta, considere computador: desktops, all-in-one, notebooks, netbooks, tablet pc. Considere smartphone como: telefone móvel com acesso a

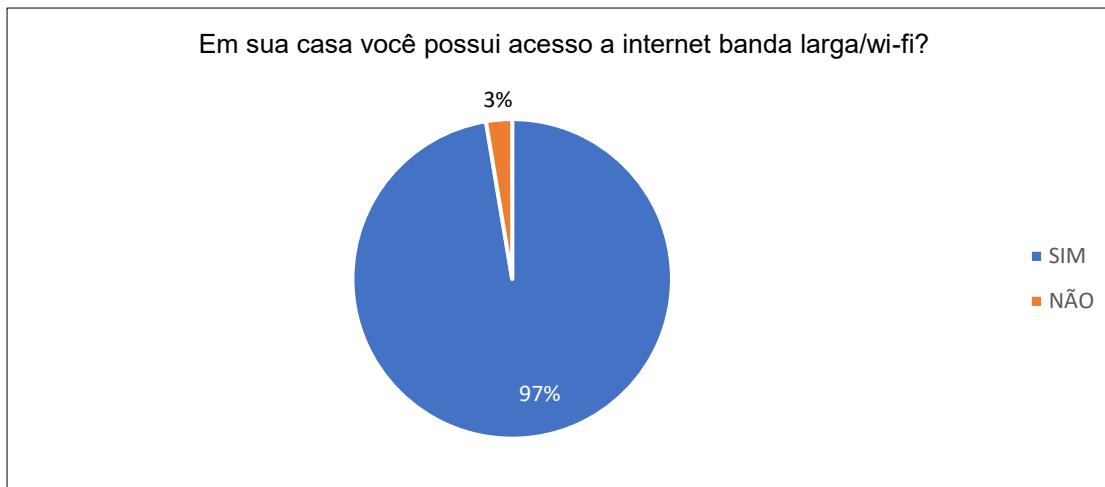


FONTE: Autor (2025)

Quanto à frequência de acesso do público à internet, foi constatado que 100% dos alunos possuem acesso à *web* todos os dias da semana. Essa acessibilidade pode ser compreendida em grande parte pelo fato de a Instituição Educacional oferecer acesso à internet aos alunos, tanto por meio de *wi-fi*, quanto por meio dos computadores no laboratório de informática e na biblioteca, associado ao fato de 97% dos alunos possuírem também em sua casa internet banda larga (ver gráfico 02).

E 39% usam habitualmente dados móveis, afirmando possuir acesso à *web* em todos os lugares. Nesse percentual, estão incluídos os 3% que não possuem internet banda larga em casa (ver gráfico 03). Em contraste, 61% dos alunos possuem acesso à internet somente em casa e na instituição escolar, não fazendo uso constante de dados móveis. O que indica a importância da instituição educacional oferecer internet aos alunos para melhor inclusão e acessibilidade às mídias sociais, caso contrário cerca de 39% não teriam acesso às ferramentas digitais na escola.

GRÁFICO 02: Acesso à internet banda larga na casa.



Fonte: Autor (2025)

GRÁFICO 03: Lugares com acesso à internet.

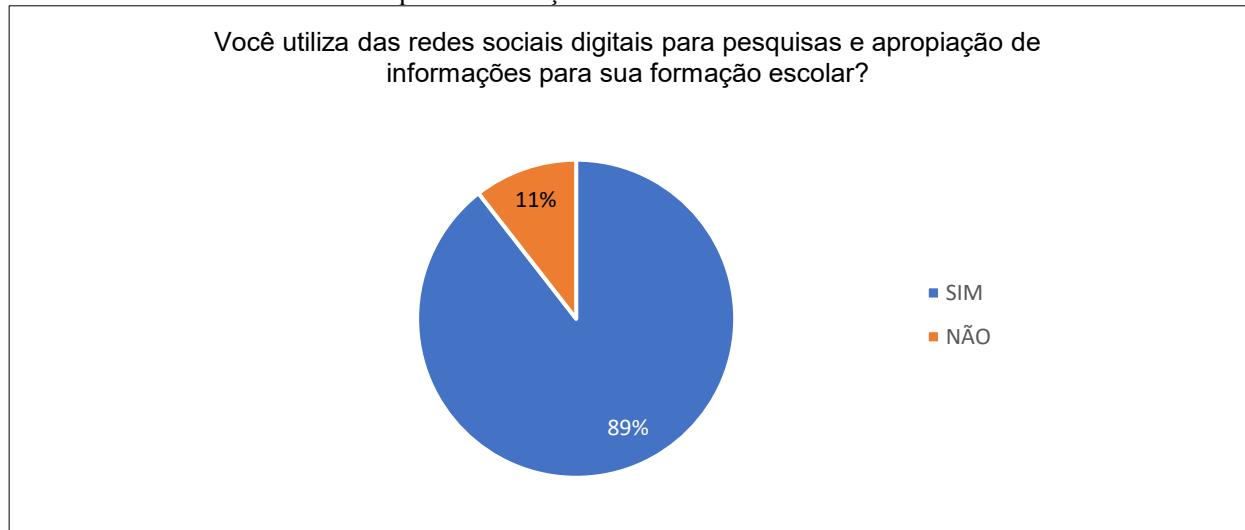


FONTE: Autor (2025)

Quanto às redes digitais, do mesmo modo, 100% dos alunos as utilizam, a exemplo do *Twitter*, *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, *Telegram*, *Pinterest* e afins. Para Minhoto e Meirinhos (2011), a escola pode aproveitar o interesse dos alunos pelas redes digitais e canalizar essa atração para a aprendizagem, claro, “se conseguir que, através dos serviços de redes sociais, os alunos interajam entre si e, colaborando, desenvolvam as competências previstas pelos programas das disciplinas” (2011, p. 25). A maioria dos alunos, 89%, considera utilizar as redes sociais digitais em pesquisas de informações para a formação escolar (ver gráfico 4).

Quanto à prioridade do uso, verificou-se que somente 8% priorizam utilizar as redes digitais para fins de educação/conhecimento formal; é notório que as redes sociais digitais são usadas principalmente para o entretenimento (42%), algo compreensível, já que são vistas comumente para este fim, seguida do objetivo de comunicação/diálogo (34%) (ver gráfico 5).

GRÁFICO 04: Uso das redes sociais digitais para pesquisas e apropriação de informações para a formação escolar.



FONTE: Autor (2025)

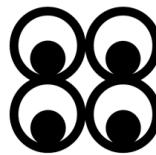
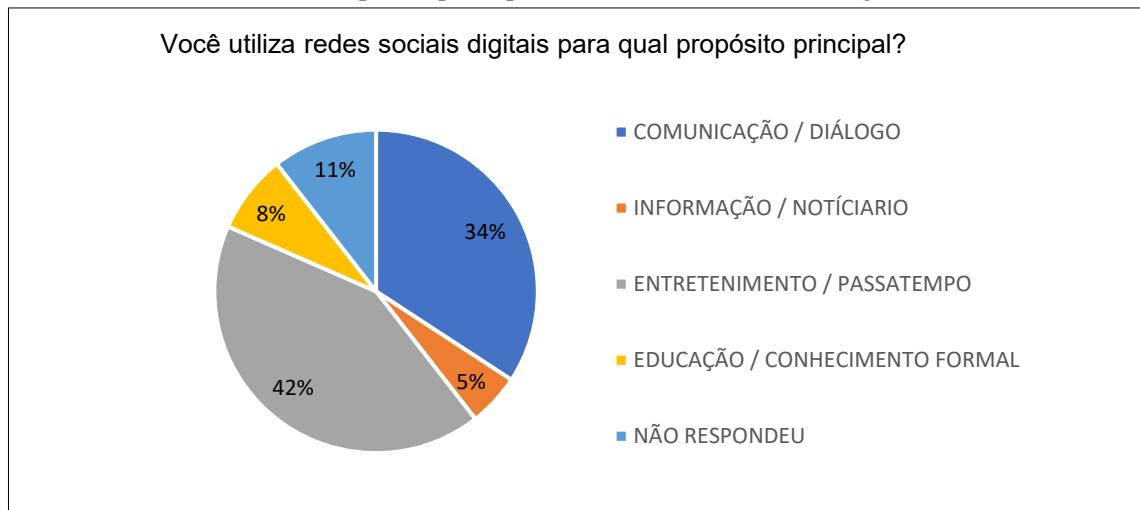


GRÁFICO 05: Propósito principal do uso das redes sociais digitais



FONTE: Autor (2025)

Apesar de não ser o uso principal, 89% conseguem usá-las para fins educacionais, e essa utilização pode apresentar diversas finalidades imediatas, como difundir conteúdos, compartilhar experiências que promovam uma reflexão ou discussão e promover a interação professor-aluno. Esse uso educacional é uma importante porta de entrada para exercitar e aperfeiçoar práticas educacionais nas redes virtuais, para assim se tornar mais comum o compartilhamento de informações e experiências educacionais, de tal modo a se trabalhar nesse ambiente as práticas colaborativas de ensino-aprendizagem.

Para Santos e Santos (2014, p. 310), dentre as redes sociais digitais, as mais importantes, por serem mais conhecidas e acessadas, destacam-se o *Orkut*, o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*. Assim, foi verificado, entre algumas das redes sociais digitais, as mais usadas na busca e acesso às informações e a conhecimentos para formação educacional. Para esse propósito, o *WhatsApp* é usado por 34% dos alunos, seguido pelo *Instagram* (21%); essas são as mais usadas para o acesso a informações e a conhecimentos educacionais (ver gráfico 06).

Esse resultado indica o quanto o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* é usado como rede social digital para interação e cooperação no processo educacional, o que talvez se deva ao fato de o aplicativo *WhatsApp* permitir a comunicação síncrona e assíncrona multilateral, a depender dos objetivos dos usuários, e ao mesmo tempo ser um meio eficiente para compartilhamento de conteúdo, com difusão de mensagens em diferentes formatos.



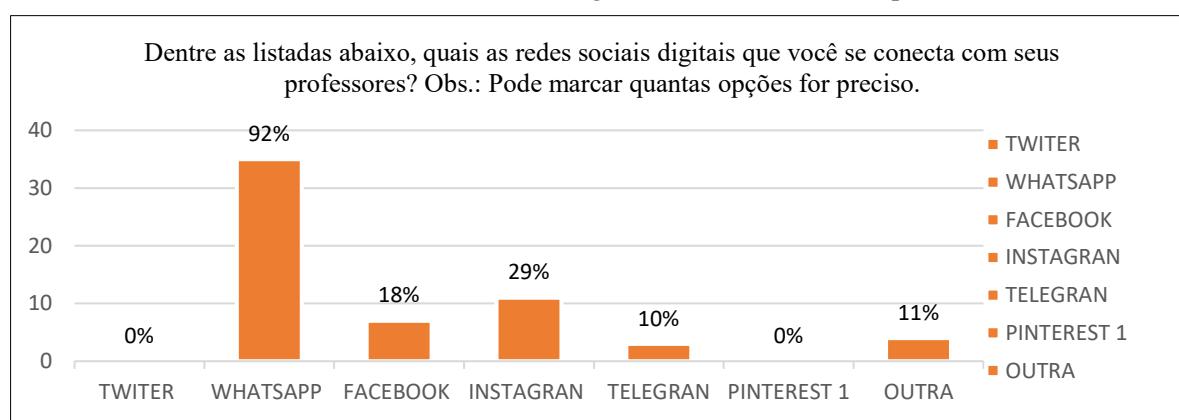
GRÁFICO 06: Redes sociais digitais mais usadas no acesso a informações e conhecimentos na formação educacional.



FONTE: Autor (2025)

De acordo com Santos e Santos (2014), como resultado da inserção das telecomunicações na educação escolar, as redes digitais passam, ao mesmo tempo, a ser recurso pedagógico e fonte de conteúdo de fácil acesso. O aplicativo de mensagens *WhatsApp* também se mostrou ser a rede social digital mais utilizada para conexão com os professores, com uso por 92% dos alunos para esse fim (ver gráfico 07). E, nessa perspectiva, 50% dos alunos se limitam a utilizar somente o *WhatsApp* para estabelecer conexão virtual com seus professores.

GRÁFICO 07: Redes sociais digitais de conexão com os professores.



FONTE: Autor (2025)

Assim, percebe-se que o WhatsApp já é um aplicativo consolidado e utilizado frequentemente como ferramenta educativa entre os alunos e professores. É notória sua popularidade no Brasil, e vale ressaltar que, por ele, é possível criar grupos sociais

específicos, que facilitam a criação de pequenas comunidades digitais, onde se pode compartilhar informações e materiais didáticos em texto, áudio ou vídeo, os quais podem ser acessados em consultas posteriores; assim como manter uma conversação entre alunos-alunos e professor-alunos, criando um ambiente digital interativo e colaborativo para a educação, sendo, assim, uma prática concreta de exemplo do uso das redes digitais no processo ensino-aprendizagem.

Professores/mediadores qualificados e capazes de utilizar as TICs as tornam grandes aliadas no processo de ensino-aprendizagem para que, de forma eficaz, se alcancem os objetivos desejados (Silva, 2021). Na vivência das redes digitais, a fim de não comprometer a vida pessoal do professor, como possibilidade, os docentes podem criar páginas nas redes digitais para uso profissional, semelhante ao uso dos e-mails institucionais, em busca de estreitar o contato com os alunos e estimular o uso educacional das redes digitais.

As redes sociais digitais conseguem oferecer um ambiente propício a aproximar os sujeitos do processo ensino-aprendizagem, possibilitando a construção da aprendizagem colaborativa, que, conforme Minhoto e Meirinhos (2011, p. 26), é a aprendizagem centrada no grupo e não em indivíduos isolados, assim, aprendem em grupo e contribuem individualmente para a aprendizagem do outro.

Mas é necessário estudo da técnica e do domínio das ferramentas digitais na educação para que não se torne prejudicial ao processo ensino aprendizagem e, a interação seja feita com uma finalidade educacional estabelecida, pois “a presença social é o primeiro passo para existir interação e a interação é um pré requisito para existir colaboração, mas pode existir interação sem nunca haver passagem para os níveis superiores em direção à colaboração” (Minhoto; Meirinhos, 2011 p. 27).

Conforme Paiva (2020), o celular, tão discriminado no sistema escolar e tão usado em outros setores, passou a ser o principal meio de comunicação durante a pandemia. Assim, foi percebido o quanto as TICs, especificamente as tecnologias digitais, podem auxiliar e ser englobadas na educação básica. Portanto, agora torna-se negligente não considerar o uso das TDs na educação, diante da constante mudança da realidade social e do estreitamento das atividades humanas com o mundo virtual.

No entanto, quando analisado o uso das redes digitais na educação escolar após o período de aulas remotas emergenciais (pós-pandemia), 79% dos alunos afirmaram que, durante o ano letivo de 2022, os docentes não lhes solicitaram ou desenvolveram atividade educacional por meio do uso das redes sociais digitais. O que aponta para o

baixo índice de estímulo ao aperfeiçoamento do uso das redes digitais na educação escolar após as aulas remotas emergenciais.

Diante, novamente, do menosprezo das TDs no processo ensino-aprendizagem, fez-se importante entender e descrever a experiência dos alunos na educação *online* e encontrar as possíveis vantagens e lacunas do processo educacional realizado por meio ou com a contribuição das mídias sociais, especialmente as redes digitais.

Dessa forma, levantou-se a seguinte questão: “qual sua opinião a respeito da relação da pandemia da Covid-19 ao uso das redes sociais digitais na educação durante e depois as aulas remotas?”. Com essa pergunta foram obtidas respostas que no processo de análise foram categorizadas pelas semelhanças entre as ideias principais, desse modo, foi possível desenvolver seis categorias que explicam os posicionamentos dos alunos diante da experiência das aulas remotas emergenciais, e suas perspectivas sobre o uso das redes digitais para o desenvolvimento desse modelo alternativo de educação (ver tabela 01).

Tabela 01: Metatextos desenvolvidos a partir da análise e categorização das respostas.

Percentual (%) de respostas que formam a categoria	Metatexto das Categorias dos entendimentos e perspectivas dos alunos sobre a relação da pandemia da Covid-19 e o uso das redes sociais digitais na educação, durante e depois as aulas remotas emergenciais.
31,6%	(1) Apesar que as aulas remotas tenham sido uma tentativa de dar continuidade no ensino, porém, não aprovei essa experiência, pois o aprendizado não teve sucesso, pelas aulas que não foram bem aplicadas e por muitas pessoas não terem tido acesso a aulas online, portanto, mostrou não possuir o mesmo desempenho das aulas presenciais (31,6%).
26,3%	(2) Diante do caos pandêmico foram importantes para estabelecer e abrir caminho a formação educacional digital, aumentar as relações sociais aluno professor, diminuir os impactos educacionais do acúmulo de disciplinas (26,3%).
13,1%	(3) Foi uma alternativa necessária e facilitadora para o ensino, porém foi excludente aos que não tiveram acesso aos meios tecnológicos digitais (13,1%)

7,9%	(4) As aulas remotas foram de grande ajuda e impulsionou o uso de redes digitais no meio educacional, o que veio pra ficar, pois muitos alunos se acostumaram com elas e acabaram sentindo dificuldade ao retornar as aulas presenciais (7,9%).
5,3%	(5) Estudar por meio das redes sociais foi uma estratégia e solução ao ensino remoto, mas muitos professores não se adaptaram tão bem, e por isso esse tipo de ensino deve ser aprimorado para ser aplicado novamente (5,3%).
15,8%	(6) Não sei responder ou nada a declarar (15,8%).

Fonte: Autor (2025)

Por meio da análise dessa questão, foi possível contemplar, por um lado, alunos que haviam gostado da solução dada para a continuidade do ensino no período pandêmico, atribuindo às aulas remotas a redução de prejuízos que a pandemia trouxe à educação e revelando acreditar que as mídias sociais, em especial as redes digitais, promoveram o estreitamento dos relacionamentos sociais na pandemia e depois dela, facilitando o ensino-aprendizagem em um período difícil e inesperado. Como se percebe nas seguintes falas dos entrevistados:

“Achei uma boa adaptação para estabelecer comunicação, afinal, pouca coisa poderia ter sido feita para efetuar comunicação neste período de isolamento, logo, as redes sociais tiveram papel importante [...]” (Entrevistado, Kappa)

“As redes sociais trouxeram um vislumbre positivo em meio ao caos pandêmico [...]” (Entrevistado, PX)

“A pandemia forçou comunicações a distância, redes sociais se mostraram muito útil e inovador de conhecimento, que ajudou bastante durante e depois da pandemia” (Entrevistado, Luís)

“Acho que a pandemia foi o motivo principal pela qual as pessoas se tornaram mais conectadas que antes” (Entrevistado FM)

Dante disso, por mais que tenham ocorrido com pouco planejamento e recursos insuficientes, percebe-se nas falas a boa aceitação da implementação das TDs na educação. A pandemia, como o “caos” que trouxe o isolamento dos indivíduos, foi contornada pela proximidade social no mundo digital, onde os alunos tiveram autonomia de usar seus conhecimentos tecnológicos de mídias sociais para estabelecer uma necessária e mais produtiva comunicação e relacionamento interpessoal, nesse difícil momento educacional.

O que aponta para certa viabilidade de uso das mídias sociais, incluindo a redes sociais digitais, no processo ensino-aprendizagem mesmo após o período de educação

remota emergencial do ensino básico, enfatizando a categoria de resposta dos alunos que explicita que “muitos professores não se adaptaram tão bem, e por isso esse tipo de ensino deve ser aprimorado para ser aplicado novamente”.

Agora, por outro lado, têm-se aqueles que indicaram não ter gostado da prática das aulas remotas emergenciais, que, conforme apresentado, não tiveram boa aplicação e acesso a todos os alunos, o que comprometeu a qualidade do aprendizado. O que é entendido pela falta de preparo das escolas e dos profissionais em estabelecer uma educação *online*, como se lê a seguir:

“A maioria dos alunos não tiveram acesso às aulas online, e mesmo os que tiveram não conseguiram avançar como em sala de aula presencialmente. As aulas remotas melhoraram... foram atribuídas aulas em modo “rodízio”, mas ainda assim muito complicado e exclusivo. Percebo que mais parece que esse período de aulas online foram um ‘período’ perdido [...]” (Bel).

“A educação durante esse período foi fornecida, porém não foi muito bem aplicada, atrasando nosso processo de aprendizagem” (Florisvaldo).

“Foi um meio de dar continuidade a estudos. Porém, não foi uma forma boa de estudar, a aula remota não foi o suficiente para conseguirmos de fato aprender” (Sá).

“[...] podemos analisar que nós alunos nos tornamos muito dependentes das respostas que a internet proporciona e nem ao menos nos questionamos sobre, basta pegar uma resposta, copiar e entregar” (Steffan).

Em dado momento, a instituição educacional, juntamente com ações governamentais, ofereceu acesso à internet aos alunos, por meio da distribuição de *chips* com dados móveis. Mas, conforme contemplado nas falas, não foi o suficiente para incluir todos os alunos na realidade das aulas *online*. As ações educacionais que visam à inclusão digital precisam ser bem elaboradas e implementadas para que o acesso tecnológico aos estudantes seja válido; além do ambiente virtual, faz-se necessário o conhecimento técnico para o bom uso das ferramentas digitais. Portanto, há necessidade de desenvolvimento das habilidades tecnológicas digitais nos docentes e discentes, visando o domínio dos meios digitais para a produção educacional. Alguns alunos tiveram sua opinião relativizada:

“Foi uma alternativa válida, porém não contemplou a todos” (Fabi).

“Acredito que para quem tinha acesso as redes e podia interagir digitalmente foi ótima, porém para quem não tinha acesso foi um pesadelo” (Dryh Dias)

“A ideia de estudar por meio das redes sociais é uma estratégia muito boa, mas que os professores não se adaptaram tão bem” (Cardoso).

Entende-se que esses últimos gostaram das aulas remotas com apoio das redes digitais, mas acreditam que podem ser melhoradas, em vista de muitos alunos não terem tido acesso às aulas e os professores não terem se adaptado a elas. O que reforça o despreparo do sistema educacional em possuir o aparato tecnológico digital suficiente para professores e alunos, e não conseguir capacitar os docentes para utilizar e aplicar com domínio as TDs na educação, negando ou negligenciando a colaboração das TDs no processo ensino-aprendizagem e não desenvolvendo o preparo das escolas para as aulas remotas, em caso emergencial ou eventual.

Portanto, as aulas remotas com uso das redes digitais, entre outras mídias sociais, mostraram-se uma alternativa acessível, soluçãoadora e facilitadora no processo de ensino e na minimização dos prejuízos educacionais e sociais, com a manutenção das relações interpessoais entre aluno-aluno e aluno-professor durante a paralisação presencial das aulas na pandemia da Covid-19. Contudo, devido ao caráter emergencial e imprevisto da implementação da educação remota no ensino básico, acabou que ocorreu sem o devido preparo docente e acesso aos equipamentos tecnológicos digitais a todos os alunos e professores. Sendo esses os motivos que levaram, na perspectiva dos alunos, à maioria das falhas e reprovações desse processo de educação *online* no ensino básico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais digitais têm “aproximado” e ressignificado os relacionamentos sociais, principalmente entre a nova geração, que compõe os alunos da educação básica. E, por conta da pandemia da Covid-19, esses alunos necessitaram aderir emergencialmente à educação remota, experimentando as mídias sociais, em especial as redes digitais, como meio informacional e interativo para a construção educacional. Assim, fez-se necessário analisar as potencialidades e fragilidades dessas redes como ferramentas educativas para a educação *online*, e entender como, hoje, após as aulas remotas emergenciais, estão sendo tratadas na formação escolar e discutir sua viabilidade de uso na educação básica nos dias atuais.

O presente trabalho conseguiu, por meio de pesquisa bibliográfica, explicitar a relação e as diferenças dos termos “redes sociais”, “redes sociais digitais” e “mídias sociais”. Assim, permitiu entender que a sociedade sempre foi construída em redes comunicativas e interativas, onde as pessoas, em comunidades e grupos diversos, se relacionam, formando as “redes sociais”. Hoje, tomaram novos formatos e são

desenvolvidas na internet por meio das mídias sociais, que são sítios eletrônicos para compartilhamento de dados em diferentes formatos e finalidades. Do mesmo modo, são muitas as categorias de mídias sociais; entre elas, destacam-se as redes sociais digitais, que, por sua vez, configuram um tipo específico, voltado aos relacionamentos interpessoais na internet, com desenvolvimento da comunicação síncrona e assíncrona.

O público-alvo possui fácil acesso à internet e a pelo menos um tipo de aparelho eletrônico digital, sendo o *smartphone* o mais usado, seguido pelo computador. O uso popular do *smartphone* facilita mais o acesso às redes digitais do que às mídias sociais educacionais elaboradas especificamente para a educação remota, como o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), que tem melhor desempenho quando acessado pelo computador. Devido à maior presença do *smartphone* entre os alunos, as redes digitais podem ser apontadas como potenciais ferramentas para uma educação básica digital acessível, interativa e construtiva, sendo uma alternativa colaborativa ao AVA.

Ao discutir as reflexões dos entrevistados(as) sobre a experiência do uso das mídias sociais durante a educação remota emergencial do ensino básico, entendeu-se que o uso das redes sociais digitais e outras mídias sociais na educação *online* foi tida como uma das poucas soluções possíveis e céleres de serem aplicadas naquele momento, diminuindo, assim, os prejuízos educacionais da paralisação das aulas presenciais; além de ter aproximado os atores educacionais nesse período. Por outro lado, também foi possível compreender que a deficiência na democratização do acesso aos dispositivos digitais comprometeu a qualidade e a não validação da educação remota emergencial por alguns alunos, que vivenciaram ou perceberam essa carência entre alguns colegas. Assim, para esses, devido à insuficiência dos suportes tecnológicos, a experiência das aulas remotas foi negativa e não aproveitável no período analisado.

Não obstante, mesmo com a importância que tiveram como ferramentas educativas nas aulas remotas, após o retorno das aulas presenciais, o uso das redes digitais e outras mídias sociais foi deixado de lado no processo educativo da educação básica. Entende-se que, depois do que foi vivenciado, não se pode invalidar ou negligenciar as possíveis potencialidades e a realidade das redes digitais no processo de ensino *online*, pois foram elas as responsáveis por auxiliar a manutenção e o desenvolvimento da educação por mais de um ano, quando foi experimentado de maneira abrupta e precocemente o ensino remoto na educação básica.

É certo que a educação de muitos alunos ficou com sequelas devido à implementação emergencial das aulas remotas, sem o devido preparo e suporte; porém,

essas sequelas e atrasos poderiam ter sido maiores se não houvesse a tentativa de remediar a paralisação das aulas. Apesar disso, as instituições escolares e o sistema educacional podem tirar proveito da experiência, identificando possibilidades para o bom uso dessas ferramentas digitais na formação básica, e continuar sua implementação para seu aperfeiçoamento. Assim como é de responsabilidade do poder público e dos pesquisadores considerar e vislumbrar com mais atenção as mídias sociais de interação interpessoal para o direcionamento e desenvolvimento da educação básica *online/híbrida*, que se faz tendência na sociedade da informação, no intuito de utilizá-las efetivamente como ferramentas educativas, interativas e colaborativas, com clareza de propósitos educacionais, ultrapassando a superficialidade da utilização cotidiana.

Faz-se necessário mais estudos que demonstrem resultados de educação híbrida no ensino básico que utilizem as mídias sociais e redes digitais para construção educacional. Faz-se também necessário garantir aos alunos e professores o suporte tecnológico digital e a capacitação profissional, para que o sistema educacional perceba as condições e os caminhos necessários para uma educação *online/híbrida* nas escolas de educação básica, com maior êxito e acessibilidade, fazendo ascender a educação para um novo tempo e novas possibilidades no universo digital.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. G. S. B; AGUIAR, N. C; FERRETE, R. B; SANTOS, J. “Geração Z e as metodologias ativas de aprendizagem: desafios na educação profissional e tecnológica”. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, vol. 1, 2020.
- ARRUDA, E. P. “Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19”. **Revista EmRede**, vol.7, n. 1, 2020.
- BEI EDUCAÇÃO. “Gerações X, Y, Z e Alfa: como cada uma se comporta e aprende”. **Plataforma de ensino BEI Educação** [06/12/2022]. Disponível em: <https://beieducacao.com.br/geracoes-x-y-z-e-alfa-como-cada-uma-se-comporta-e-aprende/#:~:text=Gera%C3%A7%C3%A3o%20X%3A%20nascidos%20entre%201996,5,nascidos%20a%20partir%20de%202010>. Acesso em: 02/01/2022.
- CARNEIRO, C. “O estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação”. **Revista Psicologia USP**, vol. 29, n. 2, 2018.
- CARPES, G. “As redes: evolução, tipos e papel na sociedade contemporânea”. **Revista ACB**, vol. 16, n. 1, janeiro/junho, 2011.
- CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, v. 1. Maiden/Oxford: Blackwell, 1996.

CIRIBELI, J. P; PAIVA, V. H. P. “Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado”. **Revista Mediação**, vol. 13, n. 12, jan./jun., 2011.

ESCOBAR, Juliana Lúcia. A Internet e a Democratização da Informação – proposta para um estudo de caso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005..

FORMENTIN, C. N; LEMOS, M. “Mídias Sociais e Educação”. In: SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (SIMFOP), 2011, Tubarão. **Anais...** Tubarão: UNISUL, 2011.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

GOULART, E. E. O docente nas mídias sociais. Mídias sociais: uma contribuição de análise. **Org.** Elias E. Goulart. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

HIRAYAMA, Mônica Sayuri. As Transformações Sociais Desencadeadas pela Internet e Redes Sociais nos Universos Analógico e Digital. **Revista Anagrama** (Revista Científica Interdisciplinar da Graduação): São Paulo/SP, n. 7, ed. 2, 2013-2014.

LAURENTIZ, Silvia. Midia e realidade. Dossiê o que é mídia afinal. **Tríade, comunicação, cultura e mídia**: Sorocaba, SP, v. 1, n. 2, p. 307-324, dez. 2013.

LEAL, J. “Geração X, Y ou Z: as verdades por trás do estereótipo”. **Revista O Papel**, n. 6, junho, 2018.

LIMA, M. F. de; ARAÚJO, J. F. S. de. A utilização das tecnologias de informação e comunicação como recurso didático-pedagógico no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 23, 2021. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/23/a-utilizacao-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-como-recurso-didatico-pedagogico-no-processo-de-ensino-aprendizagem>>. Acesso em: 22 jun 2025

MARQUES, M. A; HESSEL, A. M. DI. G. O conceito de “virtual”: de Bergson a Deleuze, de Deleuze a Lévy. **TECCOGS-Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 24, jul./dez, p. 205-220, 2021.

MINHOTO, P; MEIRINHOS, M. “As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário”. **Revista Educação, Formação & Tecnologias**, vol. 4, n. 2, novembro, 2011.

MOREIRA, J. A; SANTANA, C. L. S; BENGOCHEA, A. G. “Ensinar e aprender nas redes sociais digitais: o caso da Mathgurl no Youtube”. **Revista de Comunicación de la SEECL**, n. 50, 15 novembro 2019/15 março 2020, 2019.

OPAS. “Histórico da pandemia Covid-19”. **OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde [202X]**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 24/04/2023.

PAIVA, V. L. M. de O E. “Ensino remoto ou ensino a distância: efeitos da pandemia”. **Estudos Universitários Revista de Cultura**, vol. 37, n. 1 e 2, 2020.

PELIZZARI, A; KRIEGL, M. de L; BARON, M. P; FINCK, N. T. L; DOROCINSKI, S. I. “Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel”. **Revista PEC**, vol. 2, n. 1, julho 2001/julho 2002.

PONTES, H; PATRÃO, I. “Estudo Exploratório Sobre as Motivações Percebidas no uso Excessivo da Internet em Adolescentes e Jovens Adultos”. **Revista Psychology, Community & Health**, vol. 3, n. 2, 2014.

PRIMO, A. “O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede”. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, vol.10, n. 03, setembro-dezembro, 2012.

RIBEIRO, R.A. A telenovela enquanto “folhetim eletrônico” representativo do cotidiano nacional e sua potencialidade comunicativa. Dossiê: Trabalho e Educação Básica. **Revista Margens**: Abaetetuba/Pa, v.11, n. 16, p. 210-222, Jun 2017. ISSN: 1982-5374.

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. “E. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas”. **Revista HOLOS**, vol. 6, 2014.

SILVA, E.A.P. DA; ALVES, D.L.R; FERNANDES, M. N. O papel do professor e o uso das tecnologias educacionais em tempos de pandemia. Dossiê Temático: Tecnologias no Contexto Educativo. **Cenas Educacionais**: Caetité-Bahia, v. 4, n. 10740, p.1-17, 2021. E-ISSN: 2595-4881.

SILVA, F. S. DA; SERAFIM, M. L. Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem com a palavra o adolescente. In: SOUSA, RP., et al., **Org. Teorias e práticas em tecnologias educacionais [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

SILVA, S. “Redes sociais digitais e educação”. **Revista Iluminart**, n. 5, agosto, 2010.

TELLES, André. **A Revolução das Mídias Sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas**. São Paulo: M.Books do Brasil, 2010.

VERMELHO, S. C; VELHO, A. P. M; BONKOVOSKI, A; PIROLOA. A. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Revista Educação & Sociedade**: Campinas/SP, v. 35, n. 126, p. 179-196, 2014.

Submetido em: 23/08/2024

Aceito em: 07/02/2025